

O preço do café e a expectativa da reforma cambial

A propósito do trabalho publicado pela imprensa desta Capital, de autoria do dr. Rui Miller Paiva, conhecido estudioso da economia rural, em que o mesmo sustenta a interpretação de que a relativa estabilização dos preços do café se deve à retração da oferta, provocada pela expectativa da reforma cambial, o sr. Plínio Cavalcanti de Albuquerque, que já se referira a essa interpretação numa das últimas reuniões da Rural, passou a analisar o referido trabalho, fazendo a seguinte exposição:

"A previsão da volta de uma política comercial de excesso, já no corrente ano, como acredita o articulista, isto é, a espera de que na safra 1955/1956 a produção exportável supere em muito o consumo previsto, criou, como era natural, a perspectiva de baixa dos preços. Essa tendência, segundo afirma o antigo consultor econômico do I.B.C., perdura, apesar das recentes geadas as quais, embora atingindo uma das mais produtivas áreas mundiais de café, não reduzirá a produção nos dois anos seguintes a ponto de eliminar todo o excesso previsto do suprimento sobre o consumo. A melhoria dos preços em cruzeiro, por efeito da liberação total ou gradual do câmbio cambial, estimulou a retração na oferta e essa artificial escassez do produto no mercado explica a firmeza dos níveis de preços.

Parece-nos inaceitável a tese. A incidência das geadas de julho último eliminou a situação de suprimentos excedentes, prevista desde meados de 1954 e que efetivamente já agiu como fator de baixa dos preços. O reajustamento das colheitas, operado a partir de fevereiro último, com a queda dos preços de 78,3 cents por libra, tal foi a média em 1954, para 54,5 cents, teve como causa principal, além da natural reação do consumidor à compra de um produto muito caro, a impressão dominante nos círculos comerciais americanos da próxima existência de excedentes.

Não só a Federal Trade Commission, incumbida pelo governo americano de investigar as causas da espiral ascendente dos preços do café nos Estados Unidos, em seu relatório aparecido em 30 de julho de 1954, como o Departamento de Agricultura americano preveniam o consumidor e comerciante de que o ano agrícola de 1954/55 seria o último mercado "during which a close balance exists between world production and world consumption" — U. S. Foreign Agricultural Service, Circular, Sept. 20, 1954". Sabidamente, são profundas as deficiências das informações básicas sobre o mercado cafeeiro, principalmente em relação à produção. Das previsões conhecidas, temos a do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos com uma produção exportável para 1955/56 de 37,0

milhões de sacas, excedendo de 300.000 sacas, aproximadamente, a estimativa preliminar do Bureau Internacional do Café (I.B.C.), e, finalmente, a do Boletim Geográfico Gordon Paton & Cia., aceita pelo dr. Miller Paiva, cujo total ascende a 36.419.000 sacas, assim distribuídas: Brasil — 16.900.000 sacas; Colômbia — 6.500.000 sacas; África, Ásia e Oceânia — 7.019.000 sacas.

Passamos, hoje, elementos correlativos dessa previsão, pelo menos em relação à produção latino-americana. A produção brasileira, com a redução da colheita paranaense por causa das chuvas e das grandes quebras da safra mineira, conforme acaba de anunciar o governo do Estado de Minas Gerais, chegará no mínimo a 15,0 milhões de sacas. A produção exportável de Colômbia será de 6,0 milhões de sacas de acordo com as informações oficiais prestadas pelo Ministro da Fazenda da qual, pois, na recente visita ao Brasil, onde esteve nos países da Fedecame, que sofreram rigorosa estagiagem, principalmente o México, não ultrapassará a 5,0 milhões de sacas.

Desarte, a estimativa de 34,0 milhões de sacas para a produção mundial exportável é razoável e poderá servir de base para a previsão do comportamento dos preços do café em 1955 e 1957. Aliás, é precisamente essa a previsão aceita pelo Ministério da Fazenda colombiano, em entrevista recente ao "Diário da Colômbia" e transcrita no Boletim Geográfico Gordon Paton de 1.º de setembro embora atribuída ao Brasil um total exportável de 17,0 milhões de sacas que é, sem dúvida, cálculo exagerado.

Qual o consumo previsto para 1955? O dr. Miller Paiva estima em 32,0 ou no máximo 33,0 milhões de sacas, o ministro Carlos Villaveces, na entrevista acima, em 32,0 milhões. Observamos Estados aumento do consumo em relação a 1954 embora, ainda, em níveis inferiores aos de 1953. Nos Estados Unidos, em 1953, houve excesso de importação sobre as necessidades do consumo, resultando, como é sabido, volumoso estoque interno de café em 1954, que excedeu a 4,0 milhões de sacas. A previsão de um consumo de 32,0 milhões de sacas não é exagerada, considerando-se, sobretudo, a necessidade da renovação dos inventários dos torreadores americanos e europeus.

O mercado cafeeiro, apresenta condições favoráveis ao incremento do consumo. Os preços, a partir de fevereiro, se reajustaram a níveis considerados moderados pelo consumidor americano. Observa-se, não somente elevação da renda real per capita nos Estados Unidos — e nos sobemos o café é um produto sensível às variações da renda — como também vigoroso índice de crescimento demográfico. Outro índice favorável con-

siste na quase total inexistência de estoques de café nos Estados Unidos, onde costuma o torreador manter, não só estoques comerciais ou de distribuição na previsão de dificuldades ocasionais de recebimento de café do exterior, como também estoques de segurança ou especulativos. De acordo com dados colhidos pelo Bureau Pan-Americano do Café as reservas existentes nos Estados Unidos a 30 de junho último alcançavam apenas a 1.750.000 sacas.

Numa previsão, pois, de um consumo mundial para 1955 de 32,0 milhões de sacas, que é moderada, possivelmente mesmo um pouco reduzida, as sobras da produção 55/56 não excederão de 2,0 milhões de sacas, volume insignificante capaz de ser absorvido no ano de 1955/57, cuja produção exportável, em consequência das geadas de julho, será inferior ao volume de café reclamado pelo consumo.

Surge, no entanto, o problema dos "carryovers", num total de 10,5 milhões de sacas em 30 de junho, existentes nos:

Estados Unidos	1.750.000 sac.
Brasil	6.515.798 sac.
Colômbia	2.181.541 sac.

10.447.339 sac.

Devemos, porém, distinguir o excedente propriamente de café, que pesa no mercado perturbando o nível de preços, do chamado estoque de operação ou comercial, que passa de ano para ano e cuja presença se torna necessária para a própria regularidade dos negócios cafeeiros. Daquêle total, só não são estoques comerciais ou de operação 3.210.761 sacas adquiridas pelo governo brasileiro e 1,5 milhão de sacas em poder da Federación Nacional de Cafeteros da Colômbia, num volume consequentemente, de 4,7 milhões de sacas. O resto constitui o inventário dos torreadores nos Estados Unidos, cujo volume normal costuma ser de 4,0 milhões de sacas, ou sobras das safras passadas, na Colômbia e no Brasil, mantidas nos portos de embarque para atender às necessidades de exportação antes da chegada da nova safra, chamadas pelos americanos com propriedade de "normal year end carryover". Esse total de 4,7 milhões de sacas está retirado do comércio pelos governos brasileiro e colombiano em fase de escassez, o que vale dizer, e não será por certo, posto à venda, senão não constitui propriamente elemento imediato de pressão baixista.

Passamos agora à apreciação da safra 1955/57, cujos cálculos feitos sobretudo pela Federal Trade Commission, devem ser inteiramente revistas em face da ocorrência das geadas de julho último. O ministro Carlos Villaveces da Colômbia prevê uma produção exportável para

COMPANHIA BANDEIRANTES DE ARMAZENS GERAIS

CAPITAL Cr\$ 60.000.000,00

RESERVAS Cr\$ 19.912.062,50

ARMAZENS PRÓPRIOS

MATRIZ
RUA DO COMERCIO, N.º 43
SANTOS

FILIAIS
LINS - MARILIA - VERA CRUZ - TUPA
SAO PAULO